

BEIRA ALTA



BEIRA ALTA

**REVISTA SEMESTRAL PARA A PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS ÀS TERRAS DA BEIRA ALTA**

VOLUME LXXVI

ANO 2016
2º SEMESTRE

DIRECTOR:
ALBERTO CORREIA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
**COMUNIDADE INTERMUNICIPAL
VISEU DÃO LAFÕES**

Rua Dr. Ricardo Mota, 16
3460-613 Tondela

ISSN - 2183-6604
Depósito Legal N.º 136130/99

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
Comunidade Intermunicipal
Viseu Dão Lafões

ASSINATURA ANUAL	12,50 €
NÚMERO AVULSO	7,50 €
NÚMERO DUPLO	15,00 €

1 - *Contas x Contos x Cantos e que mais*, (Org., Ana Paula Guimarães, Colab., Adérito Araújo), Edições Gradiva, Lisboa, 2012, ISBN: 978-989-616-485-0.

Literatura e Matemática

Dir-se-á, à primeira vista, que não há qualquer cumplicidade entre um domínio e outro: quem envereda pelas Letras detesta a Matemática. E entre umas e outra nem elo de ligação pode haver, que privilegia um a imaginação, o deixar-se levar, enquanto que obriga o outro a ter os pés bem assentes no chão, a observar a realidade concreta, sem lentes de aumentar nem de diminuir.

Rematada falsidade, como é de ver! Os números fazem parte do nosso dia-a-dia e mesmo o escritor famoso carece de deitar contas à vida!

Vem, pois, muito a propósito um livro sobre essas cumplicidades, organizado por Ana Paula Guimarães, em colaboração com Adérito Araújo e que tem como significativo título *Contas x Contos x Cantos e que +*, editado pela Gradiva (Lisboa, Setembro de 2012, ISBN: 978-989-616-485-0).

Logo o título deixa entender que se vai estar perante uma série de textos em que, mui provavelmente, a diversão até é passível de ser o factor mais aliciante. E é.

Não sou capaz de contar os autores que nele estão representados. Uma caterva deles. Autores com nome próprio e autores anónimos, como anónimo é o Povo que criou ditos e ditados onde a matemática sub-repticiamente se mescla com a escrita, que, se não é literária, o poderia ser, porque retrata o quotidiano vivido, um saber condensado ao longo de séculos numa frase aparentemente singela e inocente.

Escreve Fabienne Wateau no prefácio (o livro é em várias línguas, advirta-se, mas traz sempre a tradução em português):

«Antes de mais, trata-se de divertimento e de humor. Os títulos de capítulo deste livro brincam com as palavras, com os sentidos e com os homónimos» (p. 11).

É bem de ver: 0vo é o capítulo 0. Depois: 1 – «Contamos começar»; 2 – «Dar conta»; 3 – «Contar com»; 4 – «Fazer contas»; 5 –

«Ter em conta sem perder a conta»; 6 – «Fazer de conta»; 7 – «Final de contas»; 8 – «Vezes sem conta».

380 páginas em que a diversidade é o mote, desde textos minúsculos, lengalengas populares, até assim um espécie de ensaio filosófico em que o leitor acaba por se perder se não estiver particularmente interessado e então passa à frente. Mas... histórias! Escritas ao correr da pena, assim como quem não quer a coisa nem tem preocupações de, por aí, entrar no areópago dos escritores nem ver o seu texto incluído em selectas literárias para estudante analisar.

Veja-se – e confesso que abri o livro agora «ao acaso» (como sói dizer-se...) – «Ainda há papões?», de Adérito Araújo, na página 319. Sim, só tem uma página e começa assim:

«Trasgos, olharapos, zanganitos, mouras encantadas são entidades do maravilhoso popular que povoaram a nossa infância, estimulando-nos a imaginação. Outras, mais tenebrosas, parece que existiam apenas para nos atormentar. Eu nunca gostei do bicho-papão e, como todas as crianças, aprendi a dominá-lo: vai-te embora, ó papão, de cima desse telhado...».

Pode este texto, mesmo de escolha aleatória, dar-nos o mote que perpassa pela obra, que, diga-se, para que se saiba, foi financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, por se inserir num projecto levado a cabo pelo Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), de que Ana Paula Guimarães é um dos elementos mais dinâmicos, paladina da descoberta dos mui secretos casamentos que existem entre a vida, a linguagem falada e a escrita.

Parecerá obra em que se brinca com as palavras e os signos, porque, por exemplo, em lugar de se escrever «era uma vez», poder-se-ia pôr «era 1 x...», como assinala Ana Paula Guimarães (p. 23). Fabienne Wateau, porém, vai mais além, ao frisar que «do que se trata, no coração desta obra, é de aprendizagem, de lógicas e de sistemas de pensamento» (p. 17). Na verdade, escreve mais adiante (p. 19), «contar aprende-se mesmo antes de escrever, contar até nem necessita de que se saiba ler. Contos e contas são as portas da nossa infância».

Confessa Ana Paula, depois de salientar o duplo sentido da palavra «contar» – conta o contador de histórias e conta o caixa de um banco...

– que se trata de um «ousado livro», pois que conjuga «verbos com números, aritmética com literaturas e estas com geometria». E acrescenta, em jeito de pergunta, «se, nestes tempos que correm e aceleram, ora aligeirando, ora complexificando, atentos mais a valores económicos do que a grandezas éticas, não valeria a pena demorar-se com jogos de ter em conta, dar conta contando contos ou mesmo brincar a fazer-de-conta» (p. 25).

Jogos de palavras, dir-se-á. São-no, de facto; todavia, se observamos com mais conta as contas do nosso viver, somos mesmo capazes de nos dar conta de que, afinal de contas, quantas vezes nós e os políticos e os amigos e os inimigos andamos a... fazer de conta?!...

Um livro que tem, na verdade, nesse jeito de brincar com as palavras reflexo de um quotidiano, o objectivo bem claro de nos ajudar a parar um pouco, a deixar de contar os cagagésimos de segundo da «pole position» da fórmula 1 e a atentar mais, porventura, no esforço hercúleo da formiga que, sem pressas, carrega enorme semente a arrecadar pró Inverno...

Uma escrita que parece nascer espontânea (veja-se a p. 131), as palavras umas atrás das outras, como contas de rosário. Não é lengalenga, mais conversa fiada em que mui sabiamente se convocam os mais complexos saberes, literatura e etnografia, se conta de usos e costumes daqui e dali. Deliciadamente.

«As boas histórias», sentencia Mark Hudson (num dos mais longos ensaios do livro, bilingue – inglês/português, p. 61-101), «fazem-nos questionar a nós mesmos», «são subversivas, na medida em que não fornecem respostas fixas que possam ser aplicadas de forma exacta à vida de um dado indivíduo, uma vez que o contexto local e particular de cada um e de cada momento temporal é diferente e exige, por isso, uma nova resposta» (p. 99).

Muito didáctico o capítulo que se deve a António Canas sobre a matemática na vida diária (p. 105-122), a mostrar, assim, que não há motivo nenhum para os de Letras odiarem a Matemática. Aí aprendi (p. 115) que o moio é «a carga de um cavalo, correspondente a cerca de 220 litros»; que o côvado corresponde «à distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio»; que «a unidade mais pequena que encontramos na

Bíblia é o dedo, que vale cerca de dois centímetros, equivalente à divisão do côvado em 24 partes»; e que a mão é «um sexto do côvado» e o palmo (cerca de 22 cm) é metade do côvado...

Sem dúvida, original é o texto «9 x», de Carlos Augusto Ribeiro, que tem por título «A matemática é certa mesmo quando erra». São 8 páginas a cores, com frases de letras designadas a escantilhão, como num quadro a óleo. Uma reza assim: «Matemática: *strip-tease* absoluto das imagens sensoriais da realidade» (p. 211). Outra: «A Matemática de quem mais tem aparenta ser bem diferente daquela de quem nada tem» (p. 213).

Eu diria, também por isso, que é um livro desconcertante. Porventura, no sentido próprio do termo: provocador de desconcerto. Quando, por exemplo, vês matematicamente explicadas afirmações colhidas em *Alice no País das Maravilhas* («A matemática e as Alices de Lewis Carroll», de Pedro Palhares, p. 340-350), que, à partida, parecem ter a única pretensão de nos entreter através do absurdo, ou seja, do inexplicável em termos da nossa lógica e te põem na frente, como se 1 e 1 fossem 2, as invulgares bases problemáticas de que partem – pensas, possivelmente, «esta gente endoidou de todo». Mas parece que não e que aquilo é matemática, são números, encarados, porém, de forma diferente do usual.

Para os artigos longos, eivados de teoria, haverá sábios e mui pacientes leitores. Para aquelas citações curtinhas, desculpar-me-ão os autores, eu sinto-as em jeito de almanaque antigo. Não é que não goste! Antes pelo contrário! É sabedoria condensada!

«Com as palavras se podem multiplicar os silêncios» é o texto final, uma frase única, de Manoel de Barros, poeta (p. 378). Verdade estranha, à primeira vista, de facto: mas, voltando atrás, Manoel de Barros acaba por nos fazer pensar! O valor da palavra como propiciadora do silêncio – como o silêncio também enriquece a palavra!

Uma obra que, pelas características, se pode saborear aos poucos. Aliás, aos poucos se deve saborear! E reler, até, uma ou outra das passagens, um ou outro texto. Que nos fazem pensar, não duvido, “As «contas» na vida de um bairro”, que é Carnide, em Lisboa, onde Darlinda Moreira transcreve, a dado passo (p. 287):

«O bairro onde vivo é muito feio, porque escrevem nas paredes e não respeitam as outras pessoas, nem os polícias. Se fosse polícia prendia-os a todos. Este bairro é um bairro de racismo. Os escorregas estão partidos, também não há supermercados de jeito neste bairro, este bairro é todo reles».

Um recanto, este; com contos a dilacerar; contas a aumentar... E que +?

José d'Encarnação

